

# O PROBLEMA DAS CULTURAS

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

(Especial para o DIARIO DE NOTICIAS)

I

EM artigo de jornal publicado há pouco mais de dez anos, o sr. Gilberto Freyre traçou dos autores sem livros um retrato sugestivo, cheio de terna compreensão e simpatia. Parecia-lhe então que o livro verdadeiramente capaz de satisfazer e deliciar o puro artista ou o pensador é o que fica para sempre em estado de elaboração no espírito, docil às alternativas que a experiência íntima vai constantemente propondo.

A tese é defendida com o despreendimento irônico de quem advoga causa própria e de antemão condenada. Mas de repente a malícia que envolve toda a argumentação deixa irromper esta frase inesperadamente austera, semelhante a uma confissão há muito recalçada:

— Só quando o autor encontra um público capaz de o acompanhar nesse processo de recriação, vale a pena escrever livros.

Depois disso o sr. Gilberto Freyre — então simples autor de artigos e "plaquettes" — publicou uma quinzena de volumes e ficou célebre. Sua obra já não é hoje apenas das mais numerosas, como também das mais importantes e fecundas de nossa atual geração de escritores. Sua ação, seu exemplo, foram indiscutivelmente dos principais responsáveis pelo interesse crescente que o estudo da história social e da sociologia vem merecendo entre nós. Não há exagero em dizer-se que o autor encontrou enfim o público estimulante e compreensivo que desejava e que lhe serve de sexo oposto ao espírito.

Não é desses livros já largamente tratados e debatidos que me proponho falar agora e sim de dois mais recentes, onde o autor procura fixar, em alguns traços marcantes, o problema das nossas heranças culturais e das influências que tenderam a ainda tendem a enriquecê-la.

a corrompê-la. Entenda-se "culturais", nesse caso, com o timbre especial que a palavra cultura adquiriu entre os modernos antropologistas europeus e americanos. Cultura compreendida como o conjunto global de crenças, idéias, hábitos, normas de vida, valores, processos técnicos, produtos e artefatos que o indivíduo adquire da sociedade como um legado tradicional e não em consequência de sua própria atividade criadora. Nesse sentido, pelo qual se distingue particularmente do conceito de raça, definindo-se quase por essa distinção, compreende-a também o autor em toda a sua obra. Já sabíamos até onde é falsa, do ponto de vista rigorosamente científico, a identificação entre raça e cultura. Hoje sabemos que não é somente falsa mas também perigosa. O partido que os imperialismos modernos têm podido tirar da confusão dos dois termos já é bem notório e o próprio Boas, mestre sempre acatado do sr. Gilberto Freyre, previu esse perigo quando há oito anos o denunciou perante um auditorio alemão como fonte de futuras dificuldades para o mundo.

turais seria mais inofensiva? A verdade é que todos os coletivos particularizadores têm sentido polêmico e só subsistem pela presença de particularizações diferentes. Isso é tão verdadeiro das sociedades policiadas como das organizações chamadas primitivas. Martius observou a propósito dos nossos índios, que quando mencionam o nome de sua tribo fazem-no seguir, com frequência, do nome da tribo inimiga. Como se a existência de cada grupo organizado encontrasse sua própria explicação e justificação na existência do grupo contrario. O conceito de cultura, posto que legítimo, não estaria isento de tais riscos, se colorido por certo profetismo ingenuo, tão generalizado nos dias atuais, ou mesmo por algumas hipóteses sociológicas de caráter acentuadamente especulativo, como as que explicam a sociedade à imagem de um organismo ou recorrem a entidades superindividuais, no gênero da "consciência coletiva" de Durkheim. Nesses casos a idéia converte-se facilmente em ideal e as culturas particulares correm o perigo de se transformar

## O PROBLEMA DAS CULTURAS

ro. Menos adverso do que muitos ao "lusitanismo" (é bem típica a preocupação que partidários da preservação integral da cultura alemã nos Estados do Sul põem em dizer "lusitanizar-se", por exemplo, onde seria mais natural dizer "abrasileirar-se"), o dr. Porzelt explica que os rio-grandenses de origem portuguesa são em grande parte descendentes de colonos açoritas e por conseguinte dos flamengos, que povoaram os Açores em eras remotas. Isso explica a seu ver "a aparência nórdica ou parcialmente nórdica que ainda hoje têm, muitas vezes", os gauchos autênticos.

Diferente nesse ponto de outros livros puramente sociológicos do sr. Gilberto Freyre, esta obra conclue. E a conclusão não provem de um raciocínio sobreposto as reflexões anteriores do autor; decorre delas naturalmente e sem violência. O corretivo proposto para essas forças negadoras, que deixadas à lei da natureza tornariam o país "simples espaço geométrico, aberto a todas as intrinsecas étnicas e culturais", está no próprio caráter acolhedor de nossa cultura luso-brasileira. Estimulando a miscegenação, a mistura de raças, o intercuro das culturas, teremos aberto caminho à solução do problema, sem nos afastarmos dos princípios e dos métodos que constituem, segundo o autor, a maior contribuição portuguesa e brasileira para o melhor ajustamento das relações entre os homens.

E' interessante assinalar que tal solução indicada pelo sr. Gilberto Freyre como conforme as nossas tradições culturais, é justamente a que em outras terras, mais avessas ao franciscanismo lírico que o autor descobre nos portugueses, tem sido sugerida como única verdadeiramente ra-

cional. O sociólogo Bogardus, que estudou detidamente os problemas de assimilação étnica nos Estados Unidos, baseia pelo menos no intercuro cultural a "teoria da comunidade", contrária a que prevê uma imposição radical da cultura do país novo ao imigrante ou descendente de imigrante, — por sinal qualificada de teoria prussiana. "Americanizar — diz ele — é dar ao imigrante o melhor que a América pode oferecer, e reter para a América o melhor que lhe pode oferecer o imigrante". Nada mais de acordo com o espírito da cultura brasileira tal como o expõe, interpreta e elogia o autor de "Casa Grande e Senzala" em toda a sua conferencia.

Já notei como essa interpretação coincide, por sua vez, com os resultados colhidos pelo senhor Gilberto Freyre em suas investigações sociológicas e expostos em outras obras. Não irei, é claro, ao ponto de considerar sempre justos e indiscutíveis tais resultados. Quando o autor critica, por exemplo, o sr. Sergio Millet, pela afirmação de que o português colonizador não se afeiçoa muito ao trabalho da terra, penso que a razão está com o sr. Sergio Millet, não com o sr. Gilberto Freyre. Se contra a mesma afirmação podem invocar-se numerosos casos particulares, não creio que ela deforme arbitrariamente a realidade ou constitua uma generalização mal apoiada. Não faltam indícios de que a atividade dos portugueses, em quase todas as épocas, e já antes da colonização do Brasil, se associou antes à mercancia e à milícia do que à agricultura e às artes mecânicas. Em outras palavras, foi bem mais sensíveis às incitações do espírito de aventura do que às do espírito de trabalho. Se frizo esse ponto de

vista, já defendido por mim em escrito anterior, não é tanto pelo fato de ser ele expressamente contestado na mesma passagem onde o sr. Gilberto Freyre combate a opinião do sr. Sergio Millet, mas porque ainda me parece defensável e justo. Contra o desapego dos reinóis à vida rural, contra a circunstancia de se abandonarem facilmente às imposições da natureza, de não procurarem mobilizar pelo esforço próprio suas energias produtivas, sempre clamaram, com expressiva uniformidade, os economistas de Portugal. Um deles, Luiz Mendes de Vasconcelos, observava em princípios do século XVII: "Mas nós, deixando tudo à disposição da natureza, gastando o que ela produz, se a não ajudarmos com o nosso artificio e diligencia, virá a faltar por culpa nossa a abundancia que da sua providencia estava certa..." (Diálogos do Sitio de Lisboa, 1608).

Se a economia rural chegou alguma vez a ter papel dominante na formação da sociedade portuguesa foi aparentemente durante a primeira dinastia. Isso mesmo observa um historiador contemporâneo, o dr. Veiga Simões, em admirável capítulo da "Historia da Expansão Portuguesa no Mundo", onde procura fixar o momento decisivo em que as cidades substituem os campos como centro de gravidade da economia do país. "Com o "mundo novo" do cronista — diz esse historiador — a economia da terra cede lugar à economia movediça e instalável do capital. A Igreja que asentava o seu imperio na existencia da sociedade rural, e que com as lutas entre o clero e o poder central dava caráter ao que se tem erradamente chamado — a monarquia agraria, — assistia a um deslocamento da au-

toridade social em beneficio das sociedades mercantes e em seu proprio prejuizo: desde que a cidade se constituira, o mosteiro cedera-lhe o lugar como fulcro da vida social".

Assim as origens desse desapego à vida rural não devem ser buscadas apenas em condições especiais, impostas pela propria natureza da atividade colonizadora. Ele já existia no Reino, e bem antes de se descobri o Brasil. Terá sucedido em Portugal, durante longo tempo, o mesmo que ocorreu no resto das Espanhas, onde segundo Menendez Pidal "el medio ordinario que para ganhar el pan tenia todo caballero español era establecerse en tierras de moros". Lá os mouros, aqui índios e negros, foram as mãos e os pés dos senhores.

Julgo perfeitamente acertada, por outro lado, a crítica dirigida pelo sr. Gilberto Freyre a possibilidade de uma explicação racial — no sentido biológico do termo — para o desapego do colonizador português ao trabalho duro e lento da terra. Essa explicação parece admiti-la o senhor Sergio Millet, quando declara que "talvez primassem os (motivos) de ordem racial, como sugere Sergio Buarque de Holanda". Peço perdão para dizer que jamais sugerí qualquer explicação racial e houve no caso uma interpretação erronea ou, nt melhor hipótese, imprecisa de parte do autor do "Roteiro do Café". Não vejo realmente como as explicações raciais possam por si sós levar a grande coisa no estudo dos fatores culturais.

Em muitos outros pontos desta conferencia examinam-se com justeza e extraordinaria acuidade os traços característicos do esforço colonizador dos portugueses. E não me parece que seja menoscabo a esse esforço admitir que em mais de um ponto ele não foi admirável.

Remessa de Livros — R. Ronald de Carvalho, 5 ap. 34.

marem de objetos de investigação em objetos de culto.

Desse perigo está longe o sr. Gilberto Freyre. Seu esforço para a reabilitação da obra colonizadora de Portugal funda-se em estudo sereno e atento, não em uma inclinação sentimental ou emotiva. Os pontos de vista do autor vêm expostos em uma apologia sincera da colonização portuguesa do Brasil (Gilberto Freyre — Uma Cultura Ameaçada — A Luso-Brasileira, Recife, 1940). A palavra apologia e o próprio título do livro podem soar mal para quem espere uma análise desapaixionada e conscienciosa do problema, de sua significação e de suas consequências. Mas a verdade é que nada destoia aqui das verificações já feitas pelo autor e expressas em trabalhos anteriores. O apologista serve-se do sociólogo não como de uma bagagem incômoda, mas como de um guia prestimoso e fiel.

Também não se pode ver na clara intenção polêmica do autor em face de certos fatores tendentes a deformar nosso estilo tradicional de civilização, um motivo para duvidar de sua objetividade. A própria cultura luso-brasileira ele a reverencia precisamente pelas suas qualidades universalistas, pela sua capacidade de acolher as formas mais dissonantes, acomodando-se a elas sem com isso perder seu caráter. No esforço colonizador dos

portugueses o sr. Gilberto Freyre não vê preocupações de exclusividade biológica, sociológica e mesmo econômica, de "fechar a natureza vegetal e animal dentro de ilhas ou de áreas".

Esses mesmos motivos levam-no a erguer-se contra os etnocentrismos que no extremo sul pretendem implantar-se à custa dos valores humanos, cristãos e universalistas peculiares à cultura luso-brasileira. Os sintomas algumas vezes alarmantes que revelam essas forças desintegradoras de nossa unidade cultural são abundantes e bem conhecidos. Um artigo recente publicado em revista norte-americana, onde o professor Reinhard Maak manifestou seu mau humor contra as leis brasileiras de nacionalização, encontrou entre nós repercussão considerável. O próprio sr. Gilberto Freyre cita-o como expressivo de certa opinião corrente entre alemães e nazistas acerca da colonização germânica no sul do Brasil.

Em realidade o artigo do conhecido geógrafo não passa, em muitos pontos, de uma compilação de dados e argumentos já apresentados em outros estudos de menos responsabilidade. Em um deles, de autoria do dr. Karlheinz Oberacker (Die volkspolitische Lage des Deutschtums in Rio Grande do Sul. Jena, 1936), e publicado por uma instituição anexa à Universidade de Marburgo, explica-se por exemplo

*Conclue na 14ª. pág.*